

Entre brasas e cinzas? Notas introdutórias sobre a saúde no cenário universitário

Amidst embers and ashes? Notes on health in university settings

Denise Chrysóstomo de Moura Junca*

A partir de uma revisão de literatura, discute-se neste artigo a relação ambiente acadêmico-saúde, abordando algumas variáveis identificadas no cotidiano de dois sujeitos: os professores e os alunos. O que se quer explorar é a presença da Síndrome de *Burnout* entre os mesmos, considerando que a formação universitária tende a ser vista como um momento de maiores vulnerabilidades e desafios aos jovens, já que tarefas novas e diversificadas lhes são impostas, podendo constituir fonte de acentuado estresse. A este contexto associa-se um cenário docente, onde é possível identificar elementos como a precarização do trabalho e a mercantilização da educação, capazes de gerar desdobramentos variados, alcançando, também, a saúde dos professores. Tal revisão compõe um projeto de pesquisa iniciado em março de 2012, na UFF/Campos dos Goytacazes, fruto do reconhecimento da relevância do tema, uma vez que os resultados de estudos neste campo podem suscitar e/ou fortalecer a implementação de estratégias capazes de desencadear um ambiente mais saudável de ensino, pesquisa e extensão, abrangendo tanto o corpo docente, quanto o discente.

Palavras-chave: Universidade. Trabalho docente. Formação profissional. *Burnout*.

Based on a literature review, this article discusses the relationship between health and the academic environment, addressing some of the variables identified in the daily lives of two subjects: teachers and students. We wanted to explore is the presence of Burnout Syndrome among them, considering that university education tends to be seen as a moment of greater vulnerability and challenges to young people, as new and diverse tasks imposed upon them may be a source of severe stress. To this, the teaching scenario is associated, one where we can identify elements such as labor precariousness and commodification of education, capable of generating various developments, including health of teachers. This review is part of a research project started in March of 2012 at UFF/Campos dos Goytacazes, RJ, in which the relevance of the theme is recognized, since the results of studies in this field may give rise to and / or strengthen the implementation of strategies to triggering a healthier environment for teaching, research and extension, covering both faculty and students.

Key words: Spain. University. Teaching. Professional training. Burnout.

Contextualização do tema

O local de trabalho, hoje, é um ambiente frio, hostil, que exige muito, econômica e psicologicamente. As pessoas estão emocional, física e espiritualmente exaustas. As exigências diárias do trabalho, da família e de tudo o que se encontra entre eles corroem a energia

* Assistente social, Professora Associada do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional – Universidade Federal Fluminense, Mestre em Serviço Social pela PUC/RJ, Doutora em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Coordenadora do Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Cotidiano e Saúde – GRIPES/UFF, Chefe do Departamento de Serviço Social de Campos/UFF – período 2012-2014. Campos dos Goytacazes/RJ - Brasil. E-mail: denisejunca@gmail.com

e o entusiasmo dos indivíduos. A alegria do sucesso e a emoção da conquista estão cada vez mais difíceis de alcançar. A dedicação ao trabalho e o compromisso com ele estão diminuindo. As pessoas estão ficando descrentes, mantendo-se distantes e tentando não se envolver demais. (MASLACH; LEITER, 1999, p. 13).

A epígrafe acima abrange trabalhadores norte-americanos e seus autores enfatizavam, já em 1999, que o desgaste físico e emocional estava atingindo proporções epidêmicas. De acordo com Maslach e Leiter (id.) a sabedoria popular atribui ao indivíduo a responsabilidade pelo nível de desgaste físico e emocional que tem sido identificado em variados locais de trabalho. Entretanto, sua pesquisa evidencia que não há como desconsiderar o ambiente social. O que discutem são implicações que podem ocorrer no âmbito pessoal e no próprio trabalho, entrelaçando problemas de saúde e suas repercussões no contexto familiar, social e profissional, comprometendo a qualidade de vida, o “potencial para uma carreira produtiva e promissora” (id., p. 37), além da criatividade e rendimento na ocupação desenvolvida.

Na mesma década, Minayo-Gomes e Thedim-Costa¹, (1997) salientaram a complexidade da relação entre trabalho e saúde e os problemas que afetavam a qualidade de vida dos trabalhadores. De acordo com os autores, “avança-se na compreensão dos agravos à saúde em diferentes processos de trabalho industrial, bem como nas atividades rurais [...]; iniciam-se estudos relativos ao setor serviço [...]; percebe-se com mais clareza a especificidade do trabalho feminino [...]” (p. 31). Entretanto, sua posição era clara: o desafio a enfrentar ainda era grande, já que um universo de indagações transita neste campo, quer se focalize o trabalho escravo, o trabalho infantil, a rua como espaço de trabalho, ou outras tantas situações. Desta forma, “a ampliação dos objetos de estudo e a reformulação de alguns referenciais conceituais e metodológicos tornam-se assim premissas fundamentais, sob o ponto de vista investigativo.” (id.)

Mais recentemente, outras produções surgem neste campo, ora abordando ocupações relacionadas à construção civil², ora se voltando para trabalhadores da área da segurança pública³, fisioterapeutas, médicos, psicólogos e enfermeiros funcionários de instituições penitenciárias⁴, mulheres operárias⁵.

Entre os professores a situação não é diferente. Em escolas públicas ou privadas, no ensino fundamental, médio ou superior, esta já é uma questão bastante presente. Em um cenário de reestruturação produtiva e incidência de políticas neoliberais, a profissão

¹ Minayo-Gomes e Thedim-Costa (1997) referem-se à relação entre trabalho, saúde e doença desde a Antiguidade, sendo exacerbada a partir da Revolução Industrial, além de contextualizarem a problemática mais recente do campo da saúde do trabalhador.

² SANTANA, V. S.; OLIVEIRA, R.P. Saúde e trabalho na construção civil em uma área urbana do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro: Fiocruz, v.20, n. 3, p.797-811, mai-jun, 2004.

³ MINAYO, M. C. de S.; SOUZA, E. R. de (orgs.). *Missão investigar: entre o ideal e a realidade de ser policial*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

⁴ Sobre estes vários trabalhadores consultar, por exemplo: BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. (org.). *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. 4.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

⁵ BRITO, J. *Saúde, trabalho e modos sexuais de viver*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

docente, vem sofrendo uma precarização visível, até mesmo aos olhos de um observador comum. Ludke e Boing (2004, p. 1160), ressaltam a “perda de prestígio, de poder aquisitivo, de condições de vida e, sobretudo, de respeito e satisfação no exercício do magistério”. Silva et. al. (2006, p. 3) enfatizam tal quadro, referindo-se “à constante sujeição do professor a ritmos acelerados de trabalho, a sobrecargas laborativas, a riscos à saúde física e mental, além da degradação salarial e deterioração dos direitos individuais”.

Gradativamente, o que parece se instalar é um distanciamento entre o ideal de ser professor e as condições reais para o exercício desta profissão. Como consequência, não é raro se caracterizar o trabalho docente como um espaço de desencanto e tensão, registrando-se, por vezes, o abandono do magistério, seja temporário, por meio de faltas, licenças curtas ou licenças sem vencimentos (LAPO; BUENO, 2003), seja por meio de rupturas de vínculos, estas últimas mais raras, em decorrência de fatores variados, que englobam desde a necessidade de se manter o trabalho, em função da própria sobrevivência, até sensações de fracasso e frustrações, da perda de sonhos e ideais, que podem impedir e/ou dificultar uma mudança para outra ocupação.

No Brasil, tem crescido a literatura sobre o tema, com destaque para o desgaste e o estresse dos professores. Codo e Vasquez-Menezes (2000) salientam a exaustão emocional e sua estreita relação com a desvalorização profissional, a baixa autoestima e a ausência de resultados percebidos no trabalho. A Síndrome de *Burnout* (SB) tem sido abordada por pesquisadores como Garcia e Benevides-Pereira (2003) e Ferenhof e Ferenhof (2002) e, autores como Gasparini, Barreto e Assunção (2005) afirmam que os transtornos psíquicos aparecem em primeiro lugar entre os motivos de afastamento, em estudos realizados em 2003, em Belo Horizonte.

Já Silvany et. al. (2000), pesquisando profissionais da rede particular de ensino em Salvador, identificou como queixas mais frequentes as dores nas costas e pernas, além do cansaço mental e nervosismo e, em menor escala os “calos nas cordas vocais”, enquanto Fuess e Lorenz (2003) salientam a questão da disfonia.

Em Campos dos Goytacazes, uma pesquisa realizada, durante os anos de 2006 e 2007 (JUNCA et. al., 2010), com professores de escolas municipais, revelou extrema sintonia com a realidade identificada em outros tantos estudos já produzidos no país: problemas com as cordas vocais, dores no corpo, varizes e “inchaço nas pernas”, viroses, alergias. O maior índice, contudo, foi evidenciado no campo neurológico e psicossomático, identificando-se queixas de dores de cabeça e enxaquecas, depressões e síndromes do pânico, cansaço mental e esgotamento emocional, alterações no humor, nervosismo e irritabilidade, insônia, esquecimento, desânimo, falta de motivação e sentimento de frustração no trabalho. Se não se pode afirmar que o magistério é o único fator responsável por tal quadro, sem dúvida não cabe negar a probabilidade de sua influência no perfil de saúde/doença identificado, bem como a necessidade da adoção de medidas para seu enfrentamento. Também neste ponto, os professores apontaram

suas sugestões, envolvendo ações curativas e preventivas.

Particularizando o espaço da universidade, diversas têm sido as pesquisas realizadas, ora analisando problemas em relação a uma estrutura organizacional burocrática e centralizadora, ao lado de precárias condições materiais e ambientais de trabalho (PARANHOS, 2002); ora focalizando, também, riscos biológicos, físicos e químicos (SILVA, op. cit., p. 7) identificando-se, principalmente, relatos de “dores na garganta, dores no braço, alergia respiratória, rouquidão e rinite”, bem como “queixas relacionadas ao cansaço mental e ao nervosismo”. Com base em sua pesquisa, Silva et. al. (id) fazem uma ressalva de que o ambiente de trabalho não é o único fator responsável pela deterioração do bem-estar dos professores. Entretanto, assim como Lima e Lima-Filho (2009), lembram que, nos últimos anos, o trabalho docente vem sendo bastante problematizado, identificando-se processos de adoecimento a que tais profissionais estão submetidos e a necessidade de intervenções efetivas em suas condições laborais. Neste cenário, a Síndrome de *Burnout* vem ganhando destaque, sendo este um dos motivos do recorte deste tema para estudo.

Carlotto e Câmara (2008, p. 152) esclarecem que o termo *Burnout* surgiu no início da década de 1950, por meio de “uma publicação de estudo de caso de Schwartz e Will, conhecido como ‘*Miss Jones*’”, na qual foi descrita a desilusão de uma enfermeira psiquiátrica com seu trabalho. Já em 1960, Graham Greene publicou “*A burn Out Case*”, em que relatava a história de um arquiteto que abandonou sua profissão devido a sentimentos de desilusão com a mesma. Os sintomas e sentimentos hoje conhecidos como *Burnout* já eram referidos nas duas publicações.

Entretanto, Carlotto e Câmara (2006, p. 168) lembram que o caráter científico dos estudos sobre o tema só ocorreu a partir de meados da década de 1970, quando “foram construídos modelos teóricos e instrumentos capazes de registrar e compreender esse sentimento crônico de desânimo, apatia e despersonalização”. De acordo com as autoras, “Christina Maslach, psicóloga social, foi quem entendeu primeiramente, em estudos com profissionais de serviços sociais e de saúde, que as pessoas com *burnout* apresentavam atitudes negativas e de distanciamento pessoal”. Junto com alguns outros autores, ela foi a responsável pela popularização do conceito de tal síndrome, legitimando-a como uma relevante questão social.

Garcia e Benevides-Pereira (2003, p. 76), apresentam a SB como “uma expressão inglesa para designar aquilo que deixou de funcionar por exaustão de energia”. Para eles, contudo, trata-se de um termo que foi utilizado, inicialmente, por Brandley, em 1969, mas se tornou mundialmente conhecido a partir dos artigos de Freudenberger de 1974, 1975 e 1979”, remetendo a um processo de deterioração dos trabalhadores, notadamente os que atuavam no âmbito dos cuidados e serviços sociais, educacionais e de saúde, ou seja, os que estavam em contato direto com pessoas. Freudenberger, também, citado por Carlotto e Câmara (2008, op. cit., p. 153), associava o fenômeno a um “sentimento de fracasso e exaustão causado por um excessivo desgaste de energia

e recursos”, expressando-se por meio de “comportamentos de fadiga, depressão, irritabilidade, aborrecimento, perda de motivação, sobrecarga de trabalho, rigidez e inflexibilidade”.

As autoras indicam, ainda, que o interesse por *Burnout* cresceu, devido, basicamente a três fatores:

O primeiro deles foram as modificações introduzidas no conceito de saúde e o destaque dado a melhoria da qualidade de vida pela OMS – Organização Mundial da Saúde. O segundo foi o aumento da demanda e das exigências da população com relação aos serviços sociais, educativos e de saúde. E por último, a conscientização de pesquisadores, órgãos públicos e serviços clínicos com relação ao fenômeno, entendendo a necessidade de aprofundar os estudos e a prevenção da sua sintomatologia, pois a mesma se apresentava mais complexa e nociva do que se projetava nos estudos iniciais.

Sua análise acrescenta que, na década de 1980, as pesquisas apresentaram resultados alarmantes, uma vez que passaram a identificar a síndrome em grupos profissionais até então não considerados como população de risco, além de registrarem a ocorrência de *Burnout* “em pessoas com personalidades aparentemente ajustadas e equilibradas até entrarem em contato com determinados ambientes de trabalho”. (id., p. 153)

Se inicialmente a SB era identificada, principalmente, junto aos “profissionais da ajuda”, tal perspectiva foi se alterando gradativamente. Atualmente, trata-se de um conceito que vem gerando debate⁶ em diferentes perspectivas (VIEIRA, 2010, p. 271), embora ainda seja, predominantemente, considerado como decorrente do ambiente social de trabalho, “como uma resposta prolongada no tempo a estressores interpessoais crônicos no trabalho” (MAROCO; TECEDUIRO, 2009, p. 227), compondo-se, sobretudo, por três dimensões principais:

- a) **exaustão emocional:** caracterizada por cansaço extremo e sensação de não ter energia para enfrentar o dia de trabalho;
- b) **despersonalização:** adoção de atitude de insensibilidade ou hostilidade em relação às pessoas que devem receber o serviço/cuidado;
- c) **perda da realização pessoal:** sentimentos de incompetência e de frustração pessoal e profissional.

Citando Maslach e Schaufeli⁷ (1993), Carlotto e Câmara (2008, p. 154) esclarecem que, embora se identifiquem divergências nas definições já atribuídas à SB, existem, no mínimo 5 elementos que são considerados comuns:

⁶ Segundo a autora, entre 1974-1978 e 2004-2008 o número de publicações com *burnout* no título (base *ISI Web of Science*), cresceu de 5 para 700.

⁷ MASLACH, C. ; SCHAUFELI, W. B. Historical and conceptual development of burnout. In: W.B.SCHAUFELI, C. MASLACH ; T. MAREK (Orgs.). *Professional burnout: Recent developments in theory and research* New York: Taylor & Francis, 1993. p.1-16.

(a) a predominância de sintomas relacionados à exaustão mental e emocional, fadiga e depressão; (b) ênfase nos sintomas comportamentais e mentais e não nos sintomas físicos; (c) os sintomas são relacionados ao trabalho; (d) manifestação em pessoas que não sofriam de distúrbios psicopatológicos antes do surgimento da síndrome; (e) diminuição da efetividade e do desempenho no trabalho decorrente de atitudes e comportamentos negativos.

Outro aspecto importante a considerar é a questão de se delimitar, conceitualmente, a SB, no sentido de não confundi-la com o estresse. Carlotto (2010, p. 190), lembra que este último “tem um caráter geralmente agudo, transitório e não necessariamente negativo ou relacionado a situações de trabalho”.

A partir dos anos 2000, o debate sobre tal síndrome passou a incluir os estudantes, ressaltando-se o fato de que os mesmos se encontram em atividade pré-profissional, adequando-se, assim, o conceito utilizado às seguintes dimensões (CARLOTTO; NAKAMURA; CÂMARA, 2006, p. 58):

- a) **exaustão emocional**, caracterizada pelo sentimento de estar exausto em virtude das exigências do estudo;
- b) **descrença**, entendida como o desenvolvimento de uma atitude cínica e distanciada com relação ao estudo;
- c) **ineficácia profissional**, caracterizada pela percepção de estarem sendo incompetentes como estudantes.

Carlotto, Nakamura e Câmara (id.) consideram que a síndrome pode iniciar durante a formação acadêmica, tendo continuidade durante a vida profissional. Isso significa dizer que a detecção precoce do problema pode ter reflexos positivos, não só no âmbito do êxito escolar, mas também no profissional, atuando-se de forma preventiva.

No estudo ou no trabalho, o quadro que cerca o *Burnout* supõe, assim, a falta de motivação, a ausência de força e a apatia, a desilusão e desesperança, sintomas que podem remeter à imagem de uma “brasa que virou cinza”⁸. Esta não é uma expressão que, também, se aplica ao cotidiano na universidade? Os sonhos e ideais, a empolgação e a dedicação, os planos e o empenho para realizá-los, a busca contínua por aperfeiçoamento, não são, visivelmente, observados entre os professores em início de carreira? E depois de algum tempo, isto permanece? E com os alunos não se pode vislumbrar um cenário semelhante? Professores e alunos se movimentam entre brasas e cinzas? É possível reacender as cinzas?

Estas são questões que instigam as reflexões ora apresentadas, buscando-se dialogar com produções já existentes, traçando as bases para uma pesquisa, em fase inicial⁹, no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional – ESR/UFF – particularizando docentes e alunos do Curso de Graduação em Serviço Social.

⁸ Expressão utilizada por Santos (2009), a partir da referência a um atendimento clínico realizado com um policial que apresentava tais sintomas.

⁹ UNIVERSIDADE E SAÚDE: Burnout e coping em estudantes e professores de Serviço Social/UFF (projeto iniciado em março de 2012)

Tempo de sonhar, tempo de acordar: a Síndrome de Burnout em professores

“Pessoa que professa a fé e fidelidade dos princípios da instituição e se doa sacerdotalmente aos alunos” (KRENTZ¹⁰, 1986, apud CARLOTTO, 2002, p. 22); pessoa que escolhe esta profissão por dom e vocação; é cercada de inúmeras expectativas, que nem sempre pode atender. Por décadas, assim tem sido entendido o trabalho docente, remetendo a uma concepção de que ele se configura como uma atividade humana consciente e exigente, com formação específica e qualificação continuada, apresentando finalidades, objetivos, conteúdos concretos a serem efetivados, bem como operações a serem realizadas. Para tanto, há que se contar com o entrelaçamento de condições subjetivas e objetivas, visando a condução de um processo que envolve, pelo menos, dois sujeitos fundamentais: os professores e os alunos.

Entretanto, ao considerar o cenário universitário, Carlotto (2010, p. 189) citando Franco¹¹ (2001), traça um perfil da realidade destes profissionais:

[...] o professor do ensino superior é, do ponto de vista institucional, aquele cujo plano de trabalho dispõe de horas de pesquisa, mas é também aquele, cujas horas em ensino são tantas que não lhe deixa espaço para investigações e, por vezes, nem para preparação das aulas. Do ponto de vista político, é o que vive as tensões da própria área de conhecimento, não raras vezes impregnada de corporativismo, acrescidas das tensões das demais áreas na disputa por espaços e financiamentos. Do ponto de vista profissional, é aquele que está permanentemente sob um crivo crítico, desde o ingresso na carreira, através de avaliações sistemáticas para a ascensão profissional, da submissão de trabalhos em eventos, da apresentação de projetos e de relatórios de atividades e de pesquisa. O professor universitário, conclui o autor, ‘caracteriza-se pela diversidade, pela pluralidade de opções, caminhos, alternativas, interesses e tensões’.

Carlotto (id., p. 190) pondera, então, que o trabalho docente pode ser motivo de satisfação, mas também pode “ocasionar ou incrementar determinados fatores de estresse no trabalho”, lembrando que se os estressores persistem, podem levar à SB, definida “como resultado de estresse crônico, típico do cotidiano do trabalho, principalmente quando neste existe excessiva pressão, conflitos, poucas recompensas emocionais e pouco reconhecimento.” (HARRISON¹², 1999, apud CARLOTTO, 2010, p. 190).

A severidade da síndrome no campo do ensino é superior à da área da saúde, é o que ainda afirma a autora, referindo-se ao desgaste que ocorre entre os docentes, ao intenso compromisso e envolvimento identificado entre os mesmos, por vezes, acompanhado

¹⁰ KRENTZ, L. Magistério: vocação ou profissão? *Educação em Revista*, n.3, p. 12-16, 1986.

¹¹ FRANCO, M. E. D. P. Comunidade de conhecimento, pesquisa e formação do professor do ensino superior. In: MOROSINI, M. C. (Org.) *Docência universitária e os desafios da realidade nacional*. Brasília: Plano, 2001.

¹² HARRISON, B.J. *Are you to burn out? Fund Raising Management*, v. 30, n. 3, p. 25-28, 1999.

de desapontamentos por não serem recompensados por seus esforços. Recorrendo a Maslach e Leiter¹³ (1997), reforça que a SB “em profissionais de universidades [...] não é um problema somente individual, mas envolve principalmente aspectos organizacionais. A falta de equilíbrio entre estes dois aspectos é o seu ponto-chave.”

Diversos outros estudos, também, vem abordando o tema. Em seu artigo “Docente: um ser humano acima de tudo”, Romão (2007, p. 9), por exemplo, analisa que os professores têm desenvolvido várias patologias que configuram o que vem sendo chamado de “mal-estar docente”, associado a razões pessoais e sociais, e considera, sobretudo, o sentimento de impotência e incompetência “para atender às demandas cada vez mais amplas e complexas que lhes são cobradas pela sociedade contemporânea.” Compondo este mal-estar, o autor cita as patologias vocais, a Síndrome de *Burnout* e o desencanto docente.

A SB é analisada a partir de sua tradução literal, ou seja, “queimar-se completamente para fora”, “extinguir-se como uma vela acesa”, ou “perder a energia”, indicando uma relação quase obsessiva com o trabalho, uma dedicação excessiva, levando o indivíduo a sacrificar outros setores de sua vida. Ela remete ao esgotamento profissional, é multidimensional, sendo considerada por Wanderley Codo¹⁴ como a “Síndrome da Desistência do Educador”.

Os sintomas que, em geral, estão associados a tal síndrome são:

- a. Psicossomáticos: enxaquecas, dores de cabeça, insônia, gastrites e úlceras; diarreias, crises de asma, palpitações, hipertensão, maior frequência de infecções, dores musculares e/ou cervicais; alergias, suspensão do ciclo menstrual nas mulheres.
- b. Comportamentais: absenteísmo, isolamento, violência, drogadição, incapacidade de relaxar, mudanças bruscas de humor, comportamento de risco.
- c. Emocionais: impaciência, distanciamento afetivo, sentimento de solidão, sentimento de alienação, irritabilidade, ansiedade, dificuldade de concentração, sentimento de impotência; desejo de abandonar o emprego; decréscimo do rendimento de trabalho, baixa autoestima; dúvidas de sua própria capacidade e sentimento de onipotência.
- d. Defensivos: negação das emoções, ironia, atenção seletiva, hostilidade, apatia e desconfiança. (BENEVIDES-PEREIRA¹⁵, 2001, apud OLIVEIRA, 2006, p. 38)

Oliveira (2006) esclarece, contudo, que os docentes são afetados pelo *Burnout* de modo diferenciado, já que os agentes estressantes que para uns podem constituir uma

¹³ MASLACH, C.; LEITER, M.P. *The truth about burnout: how organization cause, personal stress and what to do about it*. San Francisco: Jossey-Bass, 1997.

¹⁴ CODO, Wanderley (Coord.). *Educação: carinho e trabalho: Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes/Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

¹⁵ BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. *A saúde mental de profissionais de saúde mental*. Maringá: EDUEM, 2001.

pressão devastadora, para outros, podem ser percebidos como desafios.

Com base em dados da World Health Organization – WHO –, Trigo, Teng e Hallak (2007, p. 226) indicam que “para a enumeração dos fatores de risco para o desenvolvimento do *burnout*, são levadas em consideração quatro dimensões: a organização, o indivíduo, o trabalho e a sociedade.” No que se refere à organização encontram-se variáveis como excesso de normas ou normas muito rígidas, falta de autonomia, mudanças frequentes, problemas no relacionamento das equipes, dinâmica inadequada de comunicação, dificuldades para se ascender na carreira, ausência de reconhecimento profissional, acúmulo de tarefas, ambiente físico precário, aí incluindo questões relacionadas a temperaturas, ruídos, iluminação, higiene.

No âmbito dos indivíduos, identificam-se características que podem estar associadas a maiores ou menores níveis de *Burnout*. Trigo et. al. (id.) esclarecem que, no primeiro caso, encontra-se um padrão de personalidade em que os indivíduos são competitivos, impacientes, têm necessidade de controlar as situações e dificuldade de lidar com frustrações. Além disso, são perfeccionistas, idealistas e apresentam grande expectativa em relação à profissão. O perfil educacional mais elevado também é um fator digno de registro, assim como, o estado civil, já que o risco é maior em solteiros, viúvos e/ou divorciados.

Já os níveis menores de *Burnout* apontam indivíduos cujas personalidades apresentam características resistentes ao estresse ou *hardness*. Possuem boa autoestima, autoconfiança e autoeficácia; envolvem-se em tudo o que fazem, acreditam possuir domínio da situação, são otimistas e transformam situações desgastantes em oportunidade de aprendizagem.

Quanto à dimensão trabalho, o destaque encontra-se na sobrecarga, no baixo nível de controle e satisfação, na vivência de sentimentos de injustiça e de iniquidade nas relações laborais, na relação próxima e intensa com as pessoas a que se deve atender.

Por último, os fatores sociais apontam para a falta de suporte familiar e social, valores e normas culturais, além da tentativa de manutenção do prestígio social em oposição ao nível salarial baixo de sua profissão. Como destacam Trigo et. al. (id., p.229): “o indivíduo busca vários empregos, surgindo sobrecarga de trabalho e, conseqüentemente, pouco tempo para descanso e lazer, para atualização profissional, levando-o à insatisfação e à insegurança nas atividades desempenhadas.”

Souza e Mendonça (2009) consideram que aspectos objetivos, subjetivos e sociais compõem o estresse presente no cotidiano docente, ressaltando que o baixo investimento em educação é um dos fatores que podem gerar conflitos, com implicações relacionadas não só aos baixos salários, mas também ao uso de parte destes para aquisição de material para aprimoramento das aulas. Além disso, o professor atua no setor administrativo, em atividades de planejamento e reciclagem mas, muitas vezes, não pode participar de decisões institucionais.

Ao pesquisarem a SB em uma universidade da Região Centro-Oeste do Brasil,

as autoras consideraram as três dimensões básicas da mesma, ou seja, a exaustão emocional, cinismo e ineficácia, acrescida de uma variável independente – percepção de justiça distributiva, processual e interacional – e uma variável mediadora – o comprometimento organizacional afetivo. Um dos resultados da pesquisa apontou o significado do comprometimento organizacional afetivo para “a minimização de problemas organizacionais ligados à percepção de justiça e ao desenvolvimento do burnout”. (id, p. 506)

As autoras esclarecem:

Nossos resultados demonstraram que se o professor se compromete afetivamente com a universidade, a percepção de que está sendo injustiçado na forma de distribuição de recursos provoca o aumento da probabilidade de desenvolvimento da exaustão. Essa ocorre em razão do desgaste energético do professor quando percebe que a organização que ele acreditava lhe ser leal, pois os valores e crenças ali vigentes eram equivalentes aos seus, apresenta atitudes que contradizem essa convicção. (id.)

A complexidade do tema não deixa de ser abordada, bem como a importância de sua ampliação, não só em cenários com características diferentes, mas também contemplando outras variáveis que podem ser, igualmente, expressivas.

Procurando identificar os elementos desencadeantes da SB, encontra-se a pesquisa de Carneiro (2010). De acordo com a autora, apenas 16,7% dos participantes do estudo não apresentaram nenhuma característica da síndrome, 63,1 % encontram-se em processo de instalação da mesma e 20, 2% já convivem com tal diagnóstico. Mais uma vez, o destaque aparece na exaustão emocional, imperando a sensação de cansaço e excesso de trabalho, face ao fato de “ter que levar serviço para casa”, o que acaba por interferir nas demais atividades familiares e sociais. Em seguida, no âmbito da despersonalização, aparece o sentimento de culpa, pelos problemas dos alunos, sendo que a baixa realização profissional não foi tão expressiva. A autora chama atenção, ainda, para fatores sociofuncionais, destacando a insegurança no trabalho, a falta de planos de cargos e salários e de incentivos para realizarem cursos de pós-graduação.

Em suas conclusões pondera que, se não é possível desvincular o trabalho docente de fatores estressantes existentes no cenário acadêmico, há formas de amenizá-los. Refere-se, então, a uma maior valorização do professor, quer por meio da própria estruturação da carreira, quer viabilizando-se carga horária para pesquisa e extensão e incentivo à atividade física regular, ou mesmo atribuindo-lhe maior autonomia e procurando diminuir conflitos interpessoais. O que reforça, sobretudo, é a perspectiva da prevenção de doenças e promoção da saúde do trabalhador.

Garcia e Benevides-Pereira (2003), também, abordam alguns problemas do cotidiano dos professores, em geral, referindo-se à sobrecarga de atividades envolvendo preparação de aulas e correção de trabalhos, à correria do dia a dia, às alterações de

humor presentes na reação professor-aluno. Reforçam, contudo, que entre os professores universitários há outros agravantes: tem que participar de comissões e consultorias, sofrem pressões para pesquisar e publicar, desgastam-se em busca de meios para a melhoria da formação dos alunos, precisam se submeter a regras da própria instituição e a outras tantas governamentais. A consequência é uma rotina exaustiva e a possibilidade da presença da SB, alertando como França (1987 apud GARCIA; BENEVIDES-PEREIRA, 2003, p. 78), que “o início do burnout, é insidioso, traiçoeiro. Ele se instala silenciosa e progressivamente e assim, ocorre uma sensação de mal-estar indefinido, físico ou mental, sintomas esses que são atribuídos pela pessoa ao excesso de trabalho que estão realizando, não se dando conta que estão adoecendo.”

Em pesquisa realizada em instituições particulares por Garcia e Benevides-Pereira (2003) foi possível verificar que os níveis mais expressivos ocorreram no âmbito da exaustão emocional e que variáveis como sexo e número de horas trabalhadas foram significativas. Outro aspecto, porém, deve ser registrado: o grupo pesquisado abrangia apenas um quarto dos profissionais da instituição e vários docentes não devolveram o questionário, alegando falta de tempo. Tais dados levaram as autoras a questionar:

Seria esta uma faceta do *burnout*? Seria o caso do profissional que não possui mais energia suficiente para despende um minuto a mais além do que lhe é estritamente necessário para manter seu trabalho? Ou, apesar da envergadura atribuída à investigação e ao sigilo garantido, esta ainda é sentida como invasiva para os participantes, mesmo aos suficientemente esclarecidos, uma vez que alegavam entender através das dificuldades sentidas em seus próprios estudos de pesquisa? (Id. p. 87).

Embora seja crescente o interesse por pesquisas sobre a SB em professores universitários, o que se pode identificar é que existem muitas variáveis em jogo, envolvendo seus preditores, as condições de trabalho, elementos demográficos e pessoais. Um consenso, contudo, pode ser explicitado: é preciso ampliar e aprofundar o estudo neste campo, como uma tentativa de melhor entender, analisar e agir frente a tal fenômeno.

3. Os estudos e a experiência pré-profissional: a Síndrome de Burnout em alunos

A formação universitária tende a ser vista, atualmente, como um momento de maiores vulnerabilidades e desafios aos jovens, já que tarefas novas e diversificadas lhes são impostas. (CUSHWAY, 1992; SCHAUFELI et. al., 2002). Níveis elevados de ansiedade e estresse podem fazer parte deste período de transição (FERRAZ; PEREIRA, 2002, p. 150), envolvendo uma variedade de situações:

Em primeiro lugar são os problemas pessoais como o homesickness [saudades de casa], a solidão, a timidez, limitações nas competências sociais e tomadas de decisão, sexualidade, perturbações emocionais. Em segundo lugar são os problemas acadêmicos, tais como as dificuldades de relacionamento com professores e colegas, competências de estudo, rendimento escolar, falhar nos exames, ansiedade e *stress* em situação de avaliação, etc. Em terceiro lugar são os problemas financeiros e de gestão da casa com maior ênfase na acomodação e hábitos alimentares e os problemas relacionados com a segurança.

Traços da personalidade e histórias de vida combinam-se, no espaço universitário, como um novo ambiente de vida, sinalizando que o estresse pode alcançar, também, o corpo discente, gerando efeitos negativos em sua saúde e no próprio desempenho cotidiano. Citando Martin-Mónzon¹⁶ (2007), Carlotto et. al. (2010, p. 168) consideram que, mesmo de forma transitória, o estudante pode experimentar uma “falta de controle sobre o ambiente potencialmente gerador de estresse, tendo como resultado o fracasso acadêmico.”

Entram em cena variáveis como o ambiente de competição, as solicitações de cada disciplina, as dificuldades em matérias específicas, os questionamentos sobre a integração entre a teoria e a prática, o aproveitamento escolar, a falta de tempo para se dedicar à família, amigos, lazer, as preocupações com o futuro, as dívidas assumidas para acesso ao ensino superior. Como consequência pode se instalar a SB, caracterizando-se, sobretudo, como já foi dito, pela exaustão emocional, uma espécie de esgotamento dos recursos emocionais, morais e psicológicos, diante do nível de exigências enfrentadas; a descrença, traduzindo uma atitude cínica e distanciada em relação ao estudo; e a ineficácia profissional, na qual o que se destaca é o fato de o estudante se sentir incompetente. (id.)

Carlotto (id.) faz referência à presença, em nível moderado, destas três dimensões do *Burnout* em pesquisas já realizadas. Ao particularizar o campo das Ciências Humanas, porém, identifica que o ponto de destaque foi a exaustão emocional. Já a área de saúde parece ser a mais enfatizada, considerando-se a questão da formação profissional, em que, nem sempre se tem acesso a conhecimentos articulados com situações práticas. Como consequência, os maiores receios destes estudantes encontram-se na possibilidade de cometerem erros, prejudicarem seus pacientes e não contarem com o reconhecimento de colegas e professores. Segundo Carlotto, Nakamura e Câmara (2006, p. 58) é provável que tal síndrome se apresente de forma diferenciada entre estudantes da área da saúde, uma vez que, além dos estressores típicos do ensino, eles atuam diretamente com pessoas e podem absorver os problemas e conflitos identificados nas mesmas. Para os autores, estes cursos em geral:

¹⁶ MARTÍN-MONZÓN, I. M. Estrés académico en estudiantes universitarios. *Apuntes de Psicología*, Sevilla, v.25, n.1, p. 87-99, 2007.

[...] possuem uma prática de estágio através da qual os estudantes percebem as implicações e limitações de seu conhecimento, quando da aplicação dos mesmos. Nas primeiras intervenções junto aos clientes, costumam surgir dúvidas, medos e ansiedades relacionadas à prática terapêutica. Os estudantes vêm de uma situação ideal, em que os problemas e dificuldades da prática profissional não são abordados, ou o são de forma superficial, e o conhecimento ali adquirido parece adequado às futuras situações de intervenção, o que não se confirma nas situações práticas (Id., p. 58).

Carlotto, Nakamura e Câmara (op.cit.) ponderam a relação da síndrome com algumas variáveis quantitativas como: idade, semestre cursado, número de disciplinas, tempo de ingresso no curso, e outras qualitativas como: existência de filhos, nível de satisfação com o curso e intenção de desistir do mesmo, o fato de já terem outro curso superior, e ainda, a questão de pagarem seus estudos pela via de financiamentos ou bolsa. Os resultados de sua pesquisa, com estudantes da área de saúde, não confirmam a presença da SB de acordo com os critérios que utilizaram, recorrendo a Schaufeli et. al. (2002)¹⁷. Entretanto, lembram que a exaustão emocional é o primeiro indicador a surgir e que ela foi registrada de modo significativo, sinalizando uma futura presença da síndrome, que também pode prosseguir durante a vida profissional. Além disso, enfatizam a importância de intervenções junto aos alunos mais jovens e os que cursam os semestres iniciais, como estratégias de prevenção primária.

Pesquisando estudantes de psicologia, enfermagem, medicina, odontologia, farmácia, biomedicina, fonoaudiologia e fisioterapia, em uma universidade de Porto Alegre, Carlotto e Câmara (2008) analisaram distintamente as dimensões da SB, ou seja, a exaustão emocional, a descrença e a eficácia profissional. Os resultados reforçaram aspectos já abordados, considerando, por exemplo, que no âmbito da exaustão emocional as influências mais significativas encontram-se nas variáveis: “intenção de abandonar o curso, ter menos idade, realizar maior número de disciplinas em curso, não possuir uma atividade de lazer, estar insatisfeito com o curso, estar em semestre mais avançado, realizar curso complementar e ter experiência profissional na área” (p. 105). A descrença, por sua vez, associa-se a fatores como insatisfação com o curso e possibilidade de abandoná-lo, falta de lazer e o fato de serem mais jovens. Por último, em relação à eficácia profissional uma das variáveis mais significativas foi a intenção de permanecer no curso e a satisfação com o mesmo, considerando como destacam Carlotto e Câmara (id, p. 108) que: “ao estar satisfeito com o curso, os estressores são percebidos como desafios que mobilizam recursos voltados para o desenvolvimento pessoal, fazendo com que o aluno relacione sua formação com um bom desempenho profissional futuro”.

Tarnowski e Carlotto (2007, p.174) lembram que, na área de saúde, os alunos lidam mais diretamente com demonstrações do limite humano e do próprio limite,

¹⁷ SCHAUFELI, W. B.; MARTINEZ, I. M.; PINTO, A. M.; SALANOVA, M.; BAKKER, A. B. Burnout and engagement in university students. *A Cross National Study*, v. 33, n. 5, p. 464-48, 2002.

configurando “um encontro de fragilidades entre o racional e o emocional”. Dúvidas, decepções, ansiedades, medos, incertezas, tristezas e raivas compõem seu cotidiano e, de acordo com os autores, é “a partir da relação estudante-cliente que o aluno começa a perceber as limitações de sua atuação e do conhecimento científico”, fazendo-o considerar a falta de articulação entre teoria e prática. Os autores se referem, também, aos desgastes nos períodos de término de cursos, as monografias e relatórios, a preparação para a formatura, e ao fato de muitos terem que conciliar estudo com trabalho ou temerem seu nível de preparação para ingressarem no mesmo. Em sua análise, “a transição do papel de aluno que recebia suporte técnico e emocional de professores, supervisores e colegas, para o jovem profissional que tem que administrar suas escolhas e atividades profissionais, pode caracterizar uma importante fonte de desgaste e exaustão emocional” (id., p. 177). Desta forma, segundo Maslach¹⁸ (1982, apud TARNOWSKI; CARLOTTO, op. cit., p.178), os novos profissionais podem apresentar níveis mais acentuados de *Burnout*.

Outras variáveis ainda têm sido consideradas em pesquisas sobre a SB em estudantes. Estudo abrangendo uma amostra de 1988 universitários espanhóis e portugueses (MARTINEZ; PINTO, 2005) já indicaram, por exemplo, a importância de se focalizarem, também, as influências da questão de gênero, uma vez que há uma tendência a se considerar que as mulheres podem apresentar níveis mais elevados de esgotamento e falta de realização, enquanto que, entre os homens, o que vem se destacando é a questão da despersonalização.

É inegável que o tema é complexo, cabendo ponderar que não há uma relação automática entre o cenário universitário e a SB. Muitas variáveis transitam neste universo e precisam ser melhor analisadas, quer se considerem características pessoais e histórias de vida, quer se leve em conta as particularidades dos cursos e as dinâmicas de seu funcionamento.

Ponderações finais e algumas indagações

Aparecendo devagar, instalando-se de forma silenciosa e cumulativa, a SB apresenta-se como um importante tema para debate, com sérias implicações pessoais, sociais, profissionais, pedagógicas, organizacionais. É uma síndrome complexa e multifacetada e, portanto, não pode ser vista de uma única maneira. Ao mesmo tempo configura-se como motivo de preocupação, inclusive porque, como Codo e Vasquez-Menezes¹⁹ (1999 apud SANTINI, 2004) indicam: “é uma desistência de quem ainda está lá”:

Encalacrado em uma situação de trabalho que não pode

¹⁸ Maslach, C. *Burnout: the cost of caring*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice - Hall, 1982.

¹⁹ CODO, W., VASQUEZ-MENEZES, I. O que é burnout? In: _____. (Org.) *Educação carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999.

suportar, mas também que não pode desistir, o trabalhador arma, inconscientemente, uma retirada psicológica, um modo de abandonar o trabalho, apesar de continuar no posto. Está presente na sala de aula, mas passa a considerar, cada aula, cada aluno, cada semestre, como números que vão se somando em uma folha em branco. A síndrome é um fenômeno real que vai avançando com o tempo, corroendo o ânimo do educador e, dia após dia, o fogo vai se apagando devagar. (JOAREZ, 2004, p. 193)

Para os autores, rigorosamente falando, tudo interfere com o *Burnout* e este foi o nome que se achou para falar de desistência no trabalho. Esta desistência, contudo, não tem uma só forma. Ela parece um monstro de mil cabeças, em que, quando uma é cortada, outra toma seu lugar. Mesmo assim, trata-se de um problema real que precisa ser enfrentado, ainda mais se lembrarmos que, segundo os autores, as pesquisas têm demonstrado que tal síndrome ocorre em trabalhadores altamente motivados. O problema é que há uma discrepância entre o que ele oferece e investe no trabalho e aquilo que recebe de retorno. Ao estresse laboral ele reage, trabalhando ainda mais, até entrar em colapso.

No artigo “Análise da produção científica sobre a Síndrome de *Burnout* no Brasil, Carlotto e Câmara (2008, p.157) ressaltam a necessidade de se construir uma agenda de pesquisa sobre o tema, considerando sua importante repercussão social. Informam as autoras que, mesmo já reconhecida pelo Ministério da Saúde,

sua dimensão e caracterização específica é pouco conhecida, especialmente em uma sociedade onde as relações de trabalho são pautadas pela necessidade de sobrevivência. Embora ambos, empresários e trabalhadores pudessem beneficiar-se de ações que prevenissem ou tratassem o problema, parece que essa área da vida é pouco pensada, e as dificuldades que emergem do trabalho são naturalizadas como se fossem parte inerente das atividades de produção.

E, ainda, acrescentam:

Somente o avanço da ciência nesse campo, que envolve mais que a manifestação de uma doença ocupacional, refletindo-se em um contexto mais amplo, de relações de trabalho, saúde e produção, pode conferir a credibilidade para que se possa, em um futuro próximo, influir sobre as políticas públicas de trabalho no plano nacional (Id., p. 157).

Trata-se, pois, de aprofundar estudos sobre os contextos de surgimento e evolução da SB, as consequências que acarreta, bem como de possíveis fatores relacionados a sua prevenção.

Muitas são as perguntas ainda sem respostas. É possível identificar diferenças e semelhanças entre cenários públicos e privados? Que variáveis ganham maior ênfase do contexto da síndrome? Gênero? Idade? Fase da carreira? Tipo de curso? Perfil dos alunos? Exigências feitas aos docentes? Tipos de personalidade? E entre os alunos, o que vem acontecendo? Que abordagens são mais expressivas para a análise do tema? O modelo sociológico proposto por Woods²⁰ (1999 apud BENEVIDES-PEREIRA, 2010)? Ou o modelo psicológico apontado por Faber²¹ (1991 apud BENEVIDES-PEREIRA, 2010)? Estes modelos não seriam complementares? E quanto aos instrumentos, como analisar a Escala de Maslach, tão utilizada internacionalmente?²² Não cabe buscar uma maior sintonia entre dados quantitativos e qualitativos?

Como Carlotto e Gobbi (2000 apud BENEVIDES-PEREIRA, 2010, p. 206), acredita-se “que os estudos sobre *burnout* devem ser ampliados como o objetivo de subsidiar propostas de intervenção vinculadas à realidade brasileira”, articulando ações conjuntas entre indivíduo e organização, abarcando tanto a esfera microssocial do trabalho e das relações interpessoais, quanto fatores macro-organizacionais.

É neste sentido que se justifica o trabalho de pesquisa ora iniciado no SSC/UFF, aproximando tal debate ao campo do Serviço Social, onde o que se verifica é que o tema já começa a ser abordado no âmbito do trabalho técnico, considerando o cotidiano do assistente social. Pesquisa realizada por Barreto (2011) sobre condições de trabalho e saúde de profissionais do campo da assistência identifica, por exemplo, expressivos índices de esgotamento emocional, cansaço mental, desânimo/desinteresse e falta de motivação para o trabalho, além de sentimento de frustração com o mesmo, remetendo a uma possível presença da Síndrome de *Burnout* em suas vidas. Ao justificar os motivos que deram origem a seu estudo a autora se refere a observações desenvolvidas em seu período de estágio curricular, além de acrescentar que:

na Universidade Federal Fluminense não foi diferente, professores durante as aulas verbalizavam dificuldades vivenciadas em sua atuação profissional, e uma até relatou ter sofrido quatro anos de depressão por “problemas enfrentados na profissão”, e que até hoje vive a base de medicamentos para controlar a doença.

Ao lado de observações empíricas preliminares, exemplificadas pelo relato acima, um levantamento iniciado em março de 2012, junto ao setor de licenças médicas do Departamento de Serviço Social de Campos – SSC -, sugere, no que diz respeito aos estudantes, um possível crescimento de solicitações de Regime Excepcional de Aprendizagem, nos últimos 2 anos, bem como, uma alteração no tipo de doenças registradas.

²⁰ WOODS, P. Intensification and stress in teaching. In: VANDERBERGUE, R. ; HUBERMAN, M.A. (eds.). *Understanding and preventing teacher burnout: a source book of international practice and research*. Cambridge University Press, 1999.

²¹ FABER, B. A. *Crisis in education*. Stress and burnout in the American teacher. San Francisco: Jossey-Bass Inc. 1991.

²² Consultar, por exemplo: MASLACH, C.; JACKSON, S. E. The measurement of experienced burnout. *Journal of Occupational Behavior*, 1981. v.22, p. 99-113. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/job.4030020205/pdf>. Acesso em 10 jun.2012.

O que está em discussão é, portanto, a relação cotidiano acadêmico-saúde, passando por reflexões que envolvem o mundo do trabalho, as transformações que vem sofrendo e seus desdobramentos no âmbito da universidade, pretendendo-se mapear o cenário encontrado e levantar indicações de ações preventivas. Se brasas correm o risco de virar cinzas, é preciso mais atenção ao contexto universitário, considerando suas particularidades, procurando-se avançar na construção de contínuas aproximações com o tema, tendo como foco a construção de um ambiente mais saudável de ensino, pesquisa e extensão.

Referências

BARRETO, A.O. *O direito de quem garante direitos: a saúde dos profissionais de serviço social no âmbito da assistência social*. 2011. Monografia (Graduação) - Departamento de Serviço Social de Campos/UFF.

BENEVIDES-PEREIRA, M.T. (Org.). *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. 4.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CARLOTTO, M. S. A Síndrome de *Burnout* e o trabalho docente. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002.

_____. Síndrome de *Burnout* e satisfação no trabalho: um estudo com professores universitários. In: BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T. (Org.) *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. 4.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. Cap. 7, p. 187-212.

_____. et. al. Síndrome de Burnout e coping em estudantes de psicologia. *Boletim de Psicologia: São Paulo*, v. 59, n. 131, p. 167-178, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v59n131/v59n131a04.pdf>>. Acessos em 23 jun. 2012.

_____; CÂMARA, S.G. Análise da produção científica sobre a Síndrome de *Burnout* no Brasil. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 2, p. 152-158, abr./jun. 2008.

_____. Características psicométricas do Maslach *Burnout* Inventory – Student (MBI-SS) em estudantes universitários brasileiros. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v.11, n.2, p. 167-173, jul./dez.2006.

_____; Preditores da Síndrome de *Burnout* em estudantes universitários. *Pensamiento Psicológico: Cali/Colômbia*, v. 4, n. 10, p. 101-109, 2008.

_____; NAKAMURA, A. P; CÂMARA, S.G. Síndrome de *Burnout* em estudantes universitários da área da saúde. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 1, p. 57-62, jan./abr. 2006.

CARNEIRO, R.M. *Síndrome de burnout: um desafio para o trabalho do docente universitário*. Dissertação (Mestrado) - Centro Universitário de Anápolis/ Mestrado Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente. 2010.

CODO, W.; VASQUEZ-MENEZES, I. Trabalho docente e sofrimento: *burnout* em

professores. In: AZEVEDO, J.C. et. al. (Orgs.) *Utopia e democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS/Secretaria Municipal de Educação, 2000 Pt. 5, p. 369-382.

CUSHWAY, D. Stress in clinical psychology trainees. *British Journal of Clinical Psychology*, University of Birmingham, n. 31, p. 169-179, may. 1992. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1600401>> Acesso em: 10 jun. 2012.

FERRAZ, M. F.; PEREIRA, A. S. A dinâmica da personalidade e o homesickness (saudades de casa) dos jovens estudantes universitários. *Psicologia, Saúde & Doenças*, Lisboa, 3, n.2, p. 149-164, 2002. Disponível em < http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-00862002000200004&script=sci_arttext>. Acesso em : 10 jun 2012.

FERENHOF, I. A., FERENHOF, E. A. Burnout em professores. *Eccos*, Vila Maria/SP, n.1, p.131-51, 2002.

FUESS, V. L. R., LORENZ, M. C. Disfonia em professores do ensino municipal: prevalência e fatores de risco. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, São Paulo, n. 6, p. 807-912. 2003.

GARCIA, L. P, BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. Investigando o *burnout* em professores universitários. *Revista Eletrônica Interação Psy*, Maringá/PR, v. 1, n. 1, p. 76-89, ago. 2003. Disponível em: <http://www.saudeetrabalho.com.br/download_2/burnout-prof-universitario.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2012.

GASPARINI, S. M., BARRETO, S. M., ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*, n. 2, p.189-199, 2005.

GATTI, B. A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 98, p. 85-90, 1996.

JUNCÁ, D.C. de M. et. al. Voz que cala, corpo que fala: uma discussão sobre trabalho e saúde de professores em escolas municipais. *Serviço Social & Realidade*, Franca, v. 19, n. 1, p.69-90, 2010.

LAPO, F.R.; BUENO, B.O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.118, p. 65-88, mar. 2003

LIMA, M de F. E. M.; LIMA-FILHO, D. de O. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. *Ciências & Cognição*, v.14, n.3, p.62-82, 2009.

LUDKE, M.; BOING, L. A. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n., 89, p. 1159-1180, set./dez. 2004.

MAROCO, J.; TECEDDEIRO, M. Inventário de *burnout* de Maslach para estudantes portugueses. *Psicologia, Saúde & Doenças*: Lisboa, v.10, n.2, p. 227-235, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/psd/v10n2/v10n2a06.pdf>>. Acesso em: 10 jun 2012.

MARTINEZ, I. M.; PINTO, A. M.. *Burnout* en estudiantes universitarios de España y Portugal y su relación con variables académicas. *Aletheia*, Canoas/RS, n.21, p. 21-30, jan./jun. 2005. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n21/n21a03>>.

pdf>. Acesso em : 10 jun. 2012.

MASLACH, C.; LEITER, M.P. *Trabalho: fonte de prazer ou desgaste*. Campinas/SP: Papyrus, 1999.

MINAYO-GOMEZ, C.; THEDIM-COSTA, S. M. da Fonseca. A construção do campo da saúde do trabalhador: percursos e dilemas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 21-32, 1997.

OLIVEIRA, E. da S. G. de. O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. *Ciência & Cognição*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 27-41, 2006. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v07/M31677.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

PARANHOS, I. de S. *Interface entre Trabalho Docente e Saúde dos Professores da Universidade Estadual de Feira de Santana*. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana/Bahia. 2002.

ROMÃO, J. E. Docente: um ser humano acima de tudo. *Visão Global*, Joaçaba, v.10, n.1, p.7-22, jan./jun. 2007.

SANTINI, J. Síndrome do esgotamento profissional: revisão bibliográfica. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 183-209, jan./abr. 2004.

SANTOS, J. W. dos. A Síndrome de *Burnout*: uma análise social e psicodinâmica. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, Garça/SP: Faculdade de Ciências da Saúde de Garça; Editora FAEF, v. 7, n.13, p. 1-11, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.revista.inf.br/psicologia13/pages/revista.htm>> Acesso em: 10 jan. 2012.

SCHAUFELI, W. B. et. al. *Burnout* and engagement in university students: a Cross National Study. *Journal of cross-cultural psychology*, Western Washington University, v. 33, n.5, p. 464-481, Sept. 2002. Disponível em: http://www.beanmanaged.eu/pdf/articles/arnoldbakker/article_arnold_bakker_78.pdf> Acesso em: 20 de jun. 2012.

SILVA et. al. *Trabalho docente e saúde em uma instituição de ensino superior da Bahia*. Seminário da REDESTRADO – Regulação Educacional e Trabalho Docente, 2006. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd_viseminario/trabalhos/eixo_tematico_2/trab_docente_e_saude.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2012.

SILVANY, A. M. et al. Condições de trabalho e saúde de professores da rede particular de ensino de Salvador, Bahia. *Revista Baiana de Saúde Pública*: Salvador, v.24, n.1/2, p. 42-56, 2000.

SOUZA, I. F. de; MENDONÇA, H. *Burnout* em professores universitários: impactos de percepções de justiça e comprometimento afetivo. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 25, n. 4, p. 499-508, out./dez. 2009.

TARNOWSKI, M.; CARLOTTO, M. S. Síndrome de *Burnout* em estudantes de psicologia. *Temas em Psicologia*, São Paulo, v. 15, n 2, p. 173 – 180, 2007.

TRIGO, T.R.; TENG, C.T. ; HALLAK, J.E.C. Síndrome de *burnout* ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, n.5, p. 223-233, 2007.

VIEIRA, I. Conceito(s) de *burnout*: questões atuais de pesquisa e a contribuição da clínica. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, São Paulo, v. 35, n.122, p.269-276, 2010.

Artigo recebido em: 30 jul. 2012
Aceito para publicação em: 29 ago. 2012